

 <https://doi.org/10.23845/kgt.v15i2.745>

## **A filosofia feminista de Luce Irigaray** [The feminist philosophy of Luce Irigaray]

**Olga Nancy Peña Cortés**

Doutoranda em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Brasil.  
E-mail: [olga.cortes@acad.pucrs.br](mailto:olga.cortes@acad.pucrs.br)

### **Resumo**

No âmbito da filosofia feminista francesa as discussões a respeito da mulher, do feminino e da feminilidade passam a compor o cenário intelectual nos anos sessenta, momento no qual a filosofia passava igualmente por processos de ruptura e novas problemáticas. Advindas das discussões promovidas, especialmente pelo estruturalismo, o campo filosófico vivencia nova ruptura com os movimentos feministas e o surgimento de novas concepções filosóficas. Nesse contexto salienta-se o feminismo da diferença apresentado pela filósofa, psicanalista, escritora e feminista belga Luce Irigaray. O presente artigo busca inicialmente traçar o projeto de sua filosofia feminista, o qual se encontra alicerçado na ausência da diferença sexual, pois afirma a inexistência do sujeito feminino enquanto feminino, salientando a existência de uma única lógica, a falocêntrica. O discurso do conhecimento é, entendido com um discurso sexuado, tema da conferência *Le Sujet de la Science est-il sexué (1985)*, a partir da qual surge a pergunta a respeito do discurso filosófico, objeto das considerações finais.

### **Palavras-chave**

Feminismo da diferença. Diferença sexual. Sujeito sexuado.

### **Abstract**

In the context of the French feminist philosophy the discussions about women, feminine and femininity have begun to compose the intellectual scene in the sixties, at which time philosophy also went through processes of rupture and new problems. Originated by discussions promoted, especially by structuralism, the philosophical field experiences a new rupture with the feminist movements and the emergence of new philosophical conceptions. In this context the feminism of the difference presented by the feminist philosopher, psychoanalyst, writer and feminist Luce Irigaray stands out. The present article initially seeks to outline the project of her feminist philosophy, which is based on the absence of sexual difference, since it affirms the non - existence of the female subject as female, emphasizing the existence of a single logic, the phallogocentric. The discourse of knowledge is, understood with a sexual discourse, issue of the conference *Le Sujet de la Science est-il sexué (1985)*, from which arises the question about the philosophical discourse, object of the final considerations.

### **Keywords**

Feminism of difference. Sexual difference. Sexed subject.



## 1 Introdução

No âmbito da filosofia feminista, importa ressaltar a influência e fonte de inspiração teórica advinda da obra *O segundo sexo (1949)* da filósofa Simone de Beauvoir. A análise a respeito da condição da mulher na sociedade sob os aspectos psicológicos, biológicos e históricos abriu espaço para a discussão a respeito das diferenças sexuais e da desigualdade social entre os sexos. A tese defendida “não se nasce mulher, torna-se mulher” abre espaço para a separação entre natureza e cultura e, assim, permite pensar a mulher como um ser construído social e culturalmente. A obra não somente elencou o movimento feminista francês, mas igualmente abriu espaço no campo intelectual para que estudos teóricos a respeito da mulher, do feminino e da feminilidade fossem instaurados. Contudo, é relevante colocar que tais discussões se encontravam entrelaçadas ao momento filosófico dos anos sessenta, cujo problema estava relacionado à estrutura e à diferença. As provocações advinham, sobretudo, das tensões promovidas pelo estruturalismo, a noção de sistema, as relações de oposição e a diferença. Worms (2009) esclarece que o *l’air du temps* promovia uma revolução epistemológica no âmbito das ciências humanas na medida em que mais do que o questionamento do fundamento das ciências [...] trata-se da crítica do discurso, mais do que analisar, de dissolver, mais do que construir, talvez desconstruir.” (WORMS, 2009, p. 469)<sup>1</sup>.

Inserido nesse contexto, é possível colocar que no interior dessas discussões outra ruptura é empreendida a partir das posições filosóficas assumidas pelas mulheres em eco com as reivindicações sociais e políticas desse momento. É desse período o surgimento do grupo *Psychanalyse et Politique*, cujos encontros estavam elencados no objetivo da “[...] teorização e do trabalho de si: trata-se de articular o inconsciente e o político para fazer emergir a palavra e o desejo das mulheres.” (CHAPERON, 2014, p.207-208) Os estudos e as reflexões realizados sob a coordenação da filósofa e psicanalista Antoinette Fouque, acompanhada pelas filósofas Hélène Cixous, Julia Kristeva, Luce Irigaray, entre muitas outras, se alicerçaram na psicanálise lacaniana, no marxismo e no estruturalismo. Mas, sobretudo tinha na crítica radical à psicanálise freudiana e ao igualitarismo e universalismo defendido pelo feminismo beauvoriano sua característica principal. À luz da tese do reconhecimento da diferença sexual como fonte para a superação da lógica

<sup>11</sup> No presente artigo será priorizada a manutenção dos títulos em seu idioma original. Doravante, todas as citações aqui apresentadas foram traduzidas livremente pela autora.



falocêntrica vigente, o fio condutor que anima o grupo encontra-se vinculado à necessidade de encontrar na própria mulher os elementos de sua própria construção. Em outros termos, promover e instigar as mulheres a serem mulheres assumindo-se elas mesmas como referências.

A existência de tal grupo sublinhava o interesse em dedicar-se a redefinir o conceito de mulher com o objetivo de reverter a ordem patriarcal a partir da diferença e não da igualdade. Disto resulta o denominado *feminismo da diferença*, o qual busca acima de tudo introduzir a mulher e o feminino na cultura, fazê-la existir enquanto o outro diferente do sempre *mesmo*<sup>2</sup>. Buscavam, sobretudo, a valorização simbólica do feminino, do corpo, do prazer sexual e da maternidade enquanto escolha e desejo. Pode-se colocar que as reflexões empreendidas visavam o esforço teórico de fornecer subsídios para que a mulher pudesse pensar a seu próprio respeito a partir dela mesma. Para isso, seria preciso “[...] lutar contra a parte masculina de seu próprio inconsciente, do qual o feminismo é um avatar.” (CHAPERON, 2014, p. 207)

Com tal contextualização objetivamos destacar a filósofa, psicanalista, linguista e feminista belga Luce Irigaray. A tese de que a cultura é uma cultura sexuada encontra-se alicerçada em um amplo e complexo construto teórico. Significa compreender que em uma sociedade falocêntrica, a produção cultural, científica, filosófica e psicanalítica responde à manutenção e aos interesses do gênero masculino em detrimento do gênero feminino. Na esteira da crítica aos discursos estabelecidos na cultura, abordaremos no presente artigo a discussão promovida pela filósofa na conferência *Le Sujet de la Science est-il sexué?* (1985). A escolha por esta conferência recai na problemática ali apresentada a respeito do sujeito sexuado da ciência, a qual nos conduz à pergunta pelo discurso filosófico, motivo das reflexões finais.

## 2 O projeto da filosofia feminista de Luce Irigaray: breve percorrido

Partícipe do grupo *Psychanalyse et Politique*, Luce Irigaray é considerada como uma das mais proeminentes pensadoras do feminismo francês contemporâneo. Em seu percurso intelectual encontram-se os traços da filosofia derridiana, merleau-pontyana, deleuziana, heideggeriana e a acentuada influência lacaniana, traços que lhe conferem

<sup>2</sup> A palavra *mesmo* aqui se refere à lógica falocêntrica que vigora e acentua há séculos a inexistência da mulher, apenas compreendendo sua existência como submetida à ordem patriarcal.



um complexo construto teórico e uma crítica acentuada da história da filosofia e da própria psicanálise. (KUBISSA, 2006, p.185-187) Tal crítica se refere aos discursos que reduzem a mulher à estrutura do desejo masculino, sendo pensada e vista como “[...] objeto do sujeito que a aprisiona [...] em suas redes categoriais e simbólicas como o outro.” (KUBISSA, 2006, p. 189). Com isso se empenha em propor uma desconstrução da lógica e da linguagem falocêntrica, propondo um *topos* a partir do qual possa se erguer o sujeito feminino: a diferença sexual.

Contrária à proposta igualitária beauvoiriana, a filósofa afirma a inexistência da diferença sexual. Tal tese encontra-se alicerçada no pressuposto de que as estruturas epistemológicas de significação é o que elaboram o discurso que produzem a mulher. Em sendo assim, a mulher, o feminino e a feminilidade é visto como um produto de estruturas de linguagem elaboradas sob a lógica falocêntrica. Portanto, em seu entender, não faz sentido falar em diferença sexual e, portanto em igualdade, pois na realidade somente existe um sexo: o masculino. Compreende-se que pensar a mulher sob tal ótica é inviável, pois estamos atravessados por uma lógica que nos impede saber-nos mulheres enquanto mulheres. A consequência disto é a ausência de uma identidade propriamente feminina, a qual pode ser alcançada por meio da valorização da relação mãe-filha. Tal proposta implica numa ampla revisão da teoria da sexualidade freudiana e lacaniana, voltando-se à proposta de uma genealogia feminina igualmente fundante da cultura. Tal crítica lhe permite buscar na relação da mãe com a filha o vínculo que permite constituir um sujeito feminino, já que “somente a mãe está atualmente em condições de preocupar-se em dar para sua filha, para suas filhas, uma identidade como tal.” (IRIGARAY, 1992, p. 47) No entanto, isso implica em assumir que a mulher deve ser reconhecida como um sujeito irreduzível ao outro. Ou seja, ao propor a diferença Irigaray propõe a noção de dois como sendo a noção a partir da qual é preciso pensar homens e mulheres no mundo. Em outras palavras, reconhecer a existência do dois é reconhecer a diferença em relação ao outro enquanto outro diferente e com o qual é possível estabelecer uma relação intersubjetiva.

Para sair do modelo todo-poderoso do um e do múltiplo, é preciso passar ao *dois*, um dois que não seja duas vezes o mesmo, nem um grande e um pequeno, mas dois realmente diferentes. O paradigma deste dois se encontra na diferença sexual. Por que aí? Porque aí existem dois sujeitos que não deveriam se situar em uma relação hierárquica e porque ambos têm como tarefa preservar a espécie humana e desenvolver a cultura no respeito de suas diferenças. (IRIGARAY, 2002, p.5)



Afirmando que “[...] a liberação feminina não pode levar-se a termo sem mudanças nas leis linguísticas relativas ao gênero” (IRIGARAY, 1992, p.30). Irigaray dedica-se à crítica dos sistemas linguísticos por meio da investigação das palavras, dos discursos e da lógica, cuja neutralidade e universalidade são questionadas.<sup>3</sup> Grosz (1990, p. 177) realça que esse questionamento carrega consigo o propósito de denunciar a manutenção dos interesses de uma sociedade falocêntrica, a qual advoga dois sexos, mas na realidade a prioridade recai em um só. Portanto, as investigações realizadas demonstram que os enunciados não podem ser considerados neutros, mas sexuados. Isto é, o sujeito que fala, para quem fala e dos interesses que fala são para referenciar sujeitos masculinos e, com isso, o sujeito feminino existe apenas como o outro do mesmo. Ainda conforme a autora, a pesquisa dos textos filosóficos, psicanalíticos, literários e científicos permite à filósofa afirmar que a voz predominante masculina fala das mulheres, para as mulheres e pelas mulheres. Com isso, “[...] as mulheres continuam a ser vistas como objetos de especulação, a fonte de metáforas e imagens necessárias para a produção de discurso, mas desmentidas em seus pronunciamentos elas não têm acesso a posições como produtoras de temas.” (GROSZ, 1990, p.177) Desconsideradas como sujeitos falantes dignos de assumir voz própria, a mulher do ponto de vista da filosofia irigariana precisa buscar nela mesma a capacidade de se representar como sujeitos do discurso e da enunciação. Romper com o silêncio.

Em lugar de constituir um gênero diferente, o feminino em nossas línguas se transformou em um não-masculino, quer dizer, em uma realidade abstrata sem existência. Se a própria mulher se encontra frequentemente reduzida à esfera sexual em sentido estrito, o gênero gramatical feminino se dilui como expressão subjetiva e o léxico que diz respeito às mulheres com frequência estão compostos de termos escassamente avaliadores, quando não injuriosos, que a definem como objeto em relação ao sujeito masculino. Disto decorre que às mulheres lhes custe tanto falar ou ser escutadas enquanto mulheres. A ordem linguística patriarcal as exclui e as nega. Falar com sentido e coerência e ser mulher não é compatível. (IRIGARAY, 1992, p. 18)

<sup>3</sup> “A linguagem produzida já está submetida à ordem da língua que falam os sujeitos. Porém, isso não é um instrumento neutro, assexuado. Isto aparece nos argumentos mais simples sustentados por locutores de sexos diferentes. A ordem gramatical determina a programação, não consciente, de sua mensagem, sua intuição ou representação do mundo, do outro, do sentido, da língua.”. In: IRIGARAY, L. *L'ordre sexuel du discours*. **Langages: Le sexe linguistique**, n. 85, 1987, p. 81-123. Disponível em: <http://www.persee.fr>. Acesso em 22 janeiro 2018.



Sob tal perspectiva, o lugar da mulher na sociedade é um lugar a ser ocupado por meio da assunção de uma ausência latente porque silenciada e, portanto, é preciso resgatá-la por meio da crítica à linguagem. Deutscher (2005) coloca que a filósofa busca acima de tudo retirar a mulher e o feminino das reiteradas representações culturais como sendo “[...] uma oposição a, um complemento de ou o mesmo como o masculino [...]” (DEUTSCHER, 2005, p. 274). A análise crítica irigariana dos sistemas de linguagem visa ao resgate da voz aprisionada da mulher ao longo dos séculos, resgatando-a e valorizando-a na tentativa de fortalecê-la a fim de que se possa inserir de fato e de direito em todos os campos sociais.

### 3 O sujeito sexuado da ciência

A conferência *Le Sujet de la Science est-il sexué?* foi proferida em um ciclo de conferências-debates organizadas em Bellevue, França, no primeiro semestre de 1985. Tal ciclo intitulado *Sens et Place des connaissances dans la société* (BAILY, 1985) tinha o objetivo de proporcionar, para a sociedade científica e não científica, um espaço de debates e reflexões a respeito de sua relação ética e política com a produção de conhecimento. Publicada no livro *Parler n'est jamais neutre* (1985), a conferência faz parte do conjunto de publicações desse período dedicadas a questionar a neutralidade e a universalidade dos discursos filosóficos, psicanalíticos e científicos. Especialmente nesta conferência, o alvo de análise crítica são os valores de neutralidade, de objetividade e de universalidade da ciência.

No contexto da filosofia da diferença irigariana, a discussão ressalta a parcialidade do pensamento científico ao qual se encontra submetida desde sua gênese. Tal parcialidade está relacionada aos interesses da cultura falocêntrica o que termina por direcionar pesquisas e propor teorias muitas vezes excludentes ou pouco produtivas socialmente. A argumentação irigariana passa inicialmente pelo assinalamento dos vários domínios de investigação científica, os quais desenvolvem uma linguagem própria, dificultando a comunicação e abertura *para e entre* as várias áreas de investigação. Conforme Irigaray (1987), a relevância deste assinalamento recai sobre dois aspectos: primeiro a assunção de que linguagem responde a uma determinada visão de mundo o que conduz a elaboração de protocolos e técnicas com linguagens próprias; e, segundo, a



ausência de um espaço comum no qual houvesse a possibilidade de se estabelecer um diálogo entre as várias visões de mundo.

O interesse irigariano, no entanto, é destacar a pretensa ausência de sujeito, uma vez que não há para quem se dirigir e, por consequência, não se sabe qual linguagem utilizar. Em outras palavras, não existe alguém que se possa questionar e nem que se possa responsabilizar, pois todas as ciências estão submetidas à Ciência como um poder que “paira no ar”, sem corpo e sem sujeito. Contudo, o paradoxo de tal característica é revelado quando essa ausência é apenas uma apariência, uma vez que não impede que todos estejam submetidos a esse poder invisível por recluir o “[...] julgamento de uma autoridade por toda parte imperceptível, de um tribunal no limite sem juiz, nem advogado, nem acusado! Mas o sistema jurídico está colocado aí.” (IRIGARAY, 1987, p. 67) A presença ausente do sujeito e do poder, expressões da neutralidade científica é para a filósofa o sinal de uma cisão com a realidade social, política e econômica a qual os cientistas homens e mulheres estão submetidos. São cisões impostas nos desejos dos homens e mulheres que praticam e transmitem o conhecimento científico, os quais se encontram submetidos ao imperialismo científico. Irigaray com isso traz para a discussão a visão de um imperialismo científico alicerçado em uma divisão que o sobrepõe.

Na esteira de sua tese da inexistência da diferença sexual, tal imperialismo é a reação a uma cisão e uma explosão encontrada na formação do sujeito e dos seus desejos, sustentando e revelando-se na divisão entre ciência pura e política, arte e natureza, condições de possibilidades e amor. (IRIGARAY, 1987) No caso da ciência, a filósofa ressalta a cisão como revestida de uma falsa neutralidade e de uma postura apolítica, dispersando-se em múltiplas áreas de investigação. Essa dispersão termina por promover a ausência de comunicação entre as áreas, o que permite a existência de espaços vazios, oportunamente ocupados pelos políticos que se encontram protegidos no “*il y a ou un on*” da linguagem científica. A clara identificação da falácia do que denomina “imperialismo sem sujeito” (IRIGARAY, 1987, p. 68) está afinado com o que vem a criticar, a saber, o pressuposto ampla e reiteradamente advogado de uma ciência sem sujeito, sem desejo e sem poder: uma ciência assexuada.

Na verdade, isso que se quer universal equivale a um idioleto dos homens, a um imaginário masculino, a um mundo sexuado sem neutralidade. A menos que se queira defensores desenfreados do idealismo, nada de surpreendente nisso. Sempre os homens são aqueles que têm falado e,



sobretudo, escrito: nas ciências, filosofia, religião, política. (IRIGARAY, 1987, p. 71)

Deutscher (2005) refere-se ao objetivo irigariano de provocar uma reflexão a respeito dos valores científicos (neutralidade, objetividade e universalidade) elaborando diversas perguntas que percorrem diversos temas - desde a possibilidade de engendrar uma vida a partir de dois óvulos, a possibilidade da fecundação masculina até a limitação das mulheres, sua presença na ciência como sendo uma aberração ou não, o nome de Deus como pai - entre tantos outros. Essas questões-provocativas buscam ressaltar a tendência a negar que a objetividade científica é o esforço realizado a partir do imaginário daquele que pesquisa. Conceitos e concepções são realizados a partir das criações imaginárias dos cientistas, os quais respondem à lógica falocêntrica vigente: “a esse respeito, Irigaray sugere que os cientistas preferem não se interrogar sobre seu próprio imaginário, incluindo as muitas preferências por categorias, símbolos, oposições rígidas e princípios.” (DEUTSCHER, 2005, p. 275) Com isso, a pretensa neutralidade é considerada como ilusória na medida em que existe uma tendência prévia, a qual prioriza determinada intuição em detrimento de outra na produção do conhecimento de todas as áreas científicas ou não científicas. Em outros termos, ao abordar o imaginário como elemento relevante da pesquisa científica, a intenção da filósofa parece ser o de relevar a predominância do imaginário masculino sobre o imaginário feminino. Na produção científica, a lógica bivalente, objetiva, neutra, competitiva e universal prevalece contra um imaginário que considera a possibilidade da lógica não clássica, tal como a lógica fluida ou lógica modal, a qual estaria menos afastada de uma potência criadora e tenderia mais ao cuidado e ao respeito.

Sob tal perspectiva, Irigaray questiona a lógica, a física, a biologia, a linguística, a matemática e a psicanálise com o intuito de salientar as escolhas realizadas para elaborar determinadas teorias. Essas escolhas correspondem também ao interesse vigente no momento histórico em que são elaboradas. No que concerne à psicanálise, o questionamento refere-se à teoria da sexualidade freudiana, cuja escolha de modelo científico – o termodinâmico –corroborou a condição submissa e silenciosa da mulher à lógica vigente. Tal questionamento, no entanto, busca relevar outra questão subsumida no discurso científico, qual seja, a cisão entre a verdade da ciência e a verdade da vida (IRIGARAY, 1987, p. 78). De outro modo, o alerta irigariano é o de que o cientista ao



mesmo tempo em que se coloca diante do mundo tende a manter esse mundo afastado de si nomeando-o, legislando sobre ele, valorando-o, esquecendo que ele mesmo pertence e carrega consigo esse mundo.

Progredindo segundo um método objetivo que o abriga de toda instabilidade, de todo humor, de todos os sentimentos e flutuações afetivas, de toda intuição não programada em nome da ciência, de toda interferência de seus desejos, especialmente os sexuais em suas descobertas, ele se instala no que é sistemático, nisso que pode ser assimilado ao já morto? Temendo, esteriliza os desequilíbrios que na realidade são necessários para alcançar um novo horizonte de descobertas. (IRIGARAY, 1987, p. 79)

A cisão assinalada anteriormente parece introjetada pelo *self* do cientista, propiciando a negação a respeito de sua subjetividade, do corpo e dos desejos em nome da ciência, embora saia do laboratório e das bibliotecas e sejam sujeitos como outros quaisquer. A pergunta que salta é a respeito de qual ciência se quer e, por fim, de qual sociedade se quer ter na medida em que continua sendo defendida uma ideia de ciência neutra, objetiva e universal. A pergunta é pertinente no contexto da discussão proposta pela filósofa, se considerando que a existência de uma única lógica e um único sexo nos coloca perante a hegemonia e o isomorfismo dos conteúdos, da visão de mundo e das pesquisas. Além disso, as pesquisas em todas as áreas do conhecimento encontram-se submetidas à mesma lógica discursiva, portanto, naquilo que concerne à mulher e ao feminino ainda sua presença efetiva e sua inserção é um *por-vir*, uma linguagem em potência, uma presença virtual. Resta saber se essa linguagem em potencial ainda não realizada vai permanecer e seguir a mesma lógica discursiva ou se a expressão daquilo que pensam e podem dizer vai obrigatoriamente promover uma mudança na língua. Segundo Irigaray, essa percepção é o que talvez afaste e crie “[...] resistências à entrada das mulheres nas redes de comunicação e nos lugares – teóricos, científicos - que determinam os valores e as leis dos intercâmbios.” (IRIGARAY, 1987, p. 82)

A inserção da mulher na cultura implica na crítica dos sistemas linguísticos, inclusive os científicos, de maneira que se possa resgatar a voz feminina subsumida em tais sistemas. Deutscher (2005) enfatiza a necessidade de compreender que o interesse irigariano não é o de reforçar que homens e mulheres são diferentes, mas é ressaltar que por meio da diferença é possível tanto afirmar a existência da mulher como sujeito social



e político como encontrar a aproximação entre ambos. Na visão da autora, a discussão proposta na conferência alcança dois objetivos, a saber, desmistificar o sujeito assexuado, neutro e objetivo da ciência e a superação das dicotomias entre homens e mulheres como, por exemplo, sujeito e objeto, empatia e racionalidade. Tais dicotomias não demonstram a diferença sexual, ao contrário são sinais de sua ausência. (DEUTSCHER, 2005)

Ao perguntar se o sujeito da ciência é sexuado, Irigaray desenvolve sua argumentação entrelaçada com elementos da linguística, da psicanálise e da filosofia. Tal colocação visa a sublinhar a argumentação complexa que estabelece ao longo do texto, valendo-se de todos os elementos para defender a tese de que somente as mudanças no sistema linguístico permitirão a inserção da mulher enquanto mulher como forma de superar a lógica falocêntrica. Na gênese das línguas, coloca a filósofa, o que é recalcado é a presença do feminino, de uma linguagem criadora feminina, ressaltando-se a linguagem sob seu aspecto maternal, ou seja, “[...] tornou-se lugar de procriação de crianças e não lugar de uma função matriz produtiva.” (IRIGARAY, 1987, p. 84) Isto é, a negação da capacidade criativa advinda dessa matriz produtiva. Em sendo assim, um sujeito produtor de linguagem capaz de produzir discursos é um sujeito que ocupa um lugar. No caso da construção de uma linguagem feminina a questão do lugar não pode ser negligenciada, ao contrário, “[...] as circunstâncias do lugar determinariam para uma boa parte a programação do ‘discurso’.” (IRIGARAY, 1987, p. 83) A relevância dessa afirmação recai sobre o lugar que a mulher ocupa na sociedade falocêntrica, cuja luta para romper com essa lógica a conduz para o retorno a sua própria origem: a relação com sua mãe.

A mulher como sujeito potencialmente discursivo enfrenta o complexo desafio de afastar-se do espelho invertido que é o outro-homem para encontrar nas relações com a mãe e entre mulheres o caminho de construção de seu próprio discurso. Com isso, na conferência sobre a ciência, a filósofa termina por reafirmar o que defende desde suas primeiras publicações, a saber, a promoção de uma reflexão a respeito da falta da “[...] fecundidade da palavra sexuada, de uma criação e não apenas procriação sexual.” (IRIGARAY, 1987, p. 87) Em outras palavras, ressalta da discussão sobre a ciência o não dito implícito do discurso científico para demonstrar que toda teoria repousa sobre um



recalcamento original das primeiras experiências desejantes. Criação e desejo como voz feminina.

#### 4 Considerações finais

Irigaray (1974) apresenta a tese de que na cultura falocêntrica a mulher silenciada encontra-se enredada na expectativa do outro sempre masculino, assim a busca pela conquista de espaço termina por ocorrer nos mesmos termos que a cultura lhe impõe: suporte, acolhimento, mercadoria. Negado, o sujeito feminino é “um sujeito sem contornos nem bordas” (IRIGARAY, 2002, p.6), sem referências próprias. Dirigindo-se para o vínculo entre mãe e filha, seu objetivo consiste em demonstrar que pela atenção a tal vínculo é possível configurar uma trajetória própria do feminino na cultura. Em suma, realça a existência de outra trajetória com linguagem e simbolismo próprios, os quais podem inaugurar a existência de um sujeito alavancado em suas próprias referências. Afirmar a diferença na existência do dois, permite à filósofa tecer uma proposta teórica que permita estabelecer por meio da genealogia feminina, a construção de si sempre renovada sob dois eixos: no vínculo com a mãe e no vínculo estabelecido com outras mulheres.

A discussão a respeito da ciência à luz da tese da diferença sexual permitiu-lhe relevar dos discursos científicos os fios soltos que conduzem as pesquisas científicas. Relevante é destacar a pertinência de abordar a presença do imaginário na construção de conceitos científicos; tal abordagem permite-nos pensar que nas pesquisas sejam científicas ou não, há mais componentes subjetivos do que queiramos ou consigamos aceitar. Isso não vem ao encontro de diminuir a importância das pesquisas, mas termina por colocar uma nova exigência ao pesquisador de todas as áreas, qual seja, a da permanente autovigilância e busca da discussão compartilhada para compreender os meandros de sua própria pesquisa. Acrescenta-se a isso, a falsa neutralidade que tende a quase pureza dos tratados científicos, filosóficos, psicanalíticos, entre outros. Tal neutralidade abriga confortavelmente não somente o gênero de quem produz, mas, sobretudo, reforça a fuga da realidade social, política e econômica no qual as pesquisas estão inseridas. Esse comportamento termina por incentivar a tendência a desconsiderar e negar a responsabilidade social presente em todos os discursos e pesquisas realizadas em todas as áreas de conhecimento. Ou seja, o discurso sexuado que permeia as



relações no interior das pesquisas científicas não propicia a linguagem própria do sujeito feminino, a expressão de sua capacidade criativa transbordante e múltipla, mas também ao se elencar nessa pretensa neutralidade não propicia igualmente que os sujeitos ali presentes assumam seu papel social e político.

Alcançamos, com isso, a proposta que percorre este artigo, qual seja, refletir a respeito do sujeito sexuado na filosofia. Pensar sob tal perspectiva nos remete a ausência da mulher enquanto sujeito do conhecimento, capaz de produzir discursos e promover reflexões no espaço do campo filosófico. Se seguirmos a crítica irigariana à existência de uma única lógica e um único discurso assimilado pela cultura falocêntrica, a pergunta pela presença das mulheres no campo filosófico é uma pergunta atual e pertinente. Pacheco<sup>4</sup> (2015) na apresentação de *Mulheres e Filosofia* se refere ao espanto que causou a pouca presença de alunas no curso de filosofia, sobretudo a ausência também de filósofas no currículo da universidade, trazendo a seguinte colocação: “[...] ‘leio tanto os filósofos que já estou pensando como homem.’ Esta afirmação demonstra o quanto a filosofia é masculinizada e como afeta algumas mulheres (para não dizer todas).” (PACHECO, 2015, s. p.). Constatação corroborada por Tiburi (2015) na seguinte citação:

[...] de enfrentar os monstros historicamente moldados pelas regras epistemológicas da dominação masculina que se ocupam em excluir a questão gênero de modo a excluir mulheres e outros sujeitos, em nome de um sujeito absoluto masculino e totalizante. (TIBURI, 2015, p.11-12)

Tais iniciativas buscam não somente fornecer voz ao silêncio em que pensadoras filósofas são submetidas ao longo da trajetória intelectual ocidental, mas principalmente objetivam realçar a maneira própria e singular de cada autora ali presente se posicionar, escrever e tecer conhecimento. Na esteira da filosofia irigariana, podemos concluir que se assumirmos que a cultura encontra-se alicerçada em dois pilares: feminino e masculino, dar voz ao feminino é uma forma ética e política de realizar transformações também na sempre voz do masculino. Além disso, adentrar no campo filosófico e construir conhecimento implica em assumir a diferença a partir de outra perspectiva, qual seja, aquela da possibilidade de pensar por si e oferecer outras ferramentas analíticas fora do curso do mesmo. Desta forma, pode-se dizer que o feminismo irigariano é uma dessas

<sup>4</sup> Na esteira de trazer para a cena intelectual tais discussões, Pacheco organizou uma segunda obra intitulada *Filósofas: a presença das mulheres na filosofia* (2016).



ferramentas originais que apesar de suas tensões podem ofertar novos caminhos para os impasses, as tensões e a multiplicidade de opressões presentes na nossa cultura.

## REFERÊNCIAS

BAILY, F (org.). *Avertissement*. In: \_\_\_\_\_. **Sens et Place des connaissances dans la société: 3<sup>o</sup> confrontation**. Paris: Editions du CNRS, 1985.

CHAPERON, S. *Antoinette Fouque (1936-2014). Une féminologue*. **Hermès**, n.70, 2014/3, p. 207-209. Disponível em <http://www.cairn.info>. Acesso em 10 dezembro 2017.

DEUSTCHER, P. *On asking the wrong question*. In: GUTTING, G. **Continental Philosophy of Science**. Malden: Blackwell Publishing, 2005. p. 265-282.

GROSZ, E. **Jacques Lacan a feminist introduction**. London : Routledge, 1990.

IRIGARAY, L. *L'ordre sexuel du discours*. **Langages: Le sexe linguistique**, n. 85, 1987, p. 81-123. Disponível em: <http://www.persee.fr>. Acesso em 22 janeiro 2018.

\_\_\_\_\_. *El olvido de las genealogías femeninas*. In: \_\_\_\_\_. **Yo, tú, nosotras**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1992.

\_\_\_\_\_. *Ce sexe qui n'en est pas un*. **Les Cahiers du GRIF**, n.5, 1994, p. 54-58. Disponível em : <http://www.persee.fr>. Acesso em 15 dezembro 2017.

\_\_\_\_\_. *A questão do outro*. Tradução Tânia Navarro Swain. **Labrys**, estudos feministas, n. 1-2, jul/dez 2002, p.1-12. Disponível em: <http://www.historiacultural.mpbnet.com.br>. Acesso em 10 janeiro 2018.

\_\_\_\_\_. *Le sujet de la Science est-il sexué ?* **Hypatia**, v. 2, n.3, 1987. p. 65-87.

KUBISSA, L.P. *Diferencia, identidad y feminismo: una aproximación al pensamiento de Luce Irigaray*. **Logos**. *Anales del Seminario de Metafísica*, v.39, 2006, p.181-201. Disponível em <http://revistas.ucm.es>. Acesso em 20 fevereiro 2018.

PACHECO, J. Apresentação. In: \_\_\_\_\_ (org.) **Mulher e filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico**. Porto Alegre: Editora Fi, 2015. s.p.

TIBURI, M. Prefácio. In: PACHECO, J. (org.) **Mulher e filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico**. Porto Alegre: Editora Fi, 2015. p.11-13.

WORMS, F. **La philosophie en France au XXe siècle**. *Moments*. Paris: Gallimard, 2009. 643p.

CORTÉS, Olga Nancy Peña. **A filosofia feminista de Luce Irigaray**. p. 71-84.





CORTÉS, Olga Nancy Peña. A filosofía feminista de Luce Irigaray.  
**Kalagatos**, Fortaleza, Vol.15, N.2, 2018, p. 71-84.

Recibido: 01/03/2018  
Aprovado: 22/05/2018

